

Filhos da Ditadura¹

Emanuelle Menezes dos SANTOS²

Erik Alves FERRAZZI³

Julia Cicala Moreira da SILVA⁴

Maiara Farias Pinheiro da SILVA⁵

Mayara Soares da SILVA⁶

Carlos Avelino de Arruda CAMARGO⁷

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

O projeto a seguir foi elaborado a fim de produzir um vídeo jornalístico que resgata uma das memórias do período da ditadura militar brasileira: relatos de famílias, em especial de filhos, que tiveram seus parentes torturados, perseguidos ou mortos durante o regime militar, que durou de 1964 à 1985. Após pesquisa bibliográfica aprofundada sobre o tema, foram procurados alguns protagonistas da resistência ao regime autoritário e filhos desses militantes políticos para que compartilhassem os traumas dessa experiência e os reflexos dessa época não só em suas vidas pessoais, mas na sociedade brasileira como um todo. Com depoimentos também de historiadores e pesquisadores dessa temática bastante recente, pois seus processos de investigação até hoje não foram finalizados, promoveu-se um resgate da história brasileira, assim como um debate e reflexão sobre direitos humanos e democracia.

Palavras-chave: Ditadura militar; traumas; infância; democracia; vídeo jornalístico.

1 INTRODUÇÃO

Os filhos dos perseguidos, clandestinos, torturados e mortos na época da ditadura militar constituem um capítulo à parte dessa história e, por isso, são o foco deste trabalho. Esses herdeiros, que muitas vezes eram crianças quando seus pais começaram a ser perseguidos pelo governo, têm traumas e lembranças nítidas dessa época sombria.

Esse é o caso de Ângela Telma Oliveira Lucena, filha do militante da VPR Antônio Raymundo de Lucena, que conta com detalhes o dia da morte do pai, mesmo tendo só três anos de idade quando tudo aconteceu.

As pessoas sempre colocam em dúvida se eu realmente consigo lembrar da morte do meu pai. Foi um fato para mim muito marcante. Eu tinha 3 anos e meio e as pessoas questionam e dizem: “Alguém com 3 anos e

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 06 Produção Laboratorial em Videojornalismo (avulso/conjunto ou série).

² Aluna líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: emanuelle.menezess@hotmail.com.

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: erik_ferrazzi@hotmail.com.

⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: juh.cicala@gmail.com.

⁵ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: maiara.lk@hotmail.com.

⁶ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: mayarasoalive.com

⁷ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: catito1@terra.com.br.

meio não pode lembrar disso”. Eu gostaria muito de poder apagar esse momento do assassinato do meu pai da minha vida. Mas eu não posso, eu não quero e eu não consigo. E eu não vou. Porque a única memória que tenho do meu pai é exatamente o momento da morte. Foi muito violento para mim (LUCENA, 2013, apud INFÂNCIA..., 2014, p. 83).

De acordo com o *Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a partir de 1964*, Lucena foi morto no dia 20 de fevereiro de 1970 por integrantes da Polícia Militar, que atiraram no “Doutor”, como era conhecido, na frente de Ângela Telma e de outros dois filhos, Adilson e Denise.

Como ele, outros militantes que faziam oposição ao regime militar foram mortos na presença dos filhos. Além disso, há os casos de crianças que foram exiladas do Brasil junto com seus progenitores, sofreram com a “herança” do sobrenome, e até os que foram torturados como forma de tirar confissões dos pais detidos (INFÂNCIA..., 2014).

A Comissão da Verdade “Rubens Paiva”, da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, reuniu em um livro depoimentos dos filhos de perseguidos políticos durante os anos de ditadura militar. *Infância Roubada* mostra o olhar de crianças que “receberam marcas profundas e particulares” e que “não tinham responsabilidade pelas opções políticas dos pais nem pela situação do país” (MOREIRA apud INFÂNCIA..., 2014, p. 09).

O meio em que crescemos tem forte influência no que seremos no futuro. Crianças que participaram – direta ou indiretamente – de sessões de tortura, ou que acompanharam alguma ação violenta serão muitas vezes adultos problemáticos e traumatizados.

As crianças serão, dentre de alguns anos, adolescentes que depois serão cidadãos das nossas sociedades. Eles pedirão conta aos seus governos e aos Estados do norte. Rebelar-se-ão. Assim, uma bomba de força explosiva de efeito retardado se está preparando; contra ela, promessas e boas palavras nada poderão (TRUJILLO, 2002, p. 233).

Essas crianças, enquadradas pelas forças de repressão política como elementos subversivos, foram separadas de seus pais, forçadas a viver com nomes falsos, expulsas do país, submetidas a traumas tanto físicos como emocionais e, em alguns casos, desconheciam e até hoje desconhecem o paradeiro de seus verdadeiros progenitores. Elas foram impedidas de ter uma convivência cercada de cuidado e amparo paternos em um momento fundamental da vida, que é a infância e, por isso, surge a necessidade de contar suas histórias. (INFÂNCIA..., 2014).

2 OBJETIVO

O objetivo geral do vídeo jornalístico **Filhos da Ditadura** é retratar os traumas de filhos dos perseguidos, clandestinos, mortos e torturados pela ditadura militar de 1964. Além disso, estão entre os objetivos específicos mostrar o impacto que a crueldade das mortes, torturas e perseguições provocou na vida desses personagens e, trazendo para os dias atuais, promover uma discussão sobre direitos humanos e democracia.

3 JUSTIFICATIVA

É de notoriedade pública o processo de redemocratização brasileira, que passou por uma imensa ruptura para ter hoje suas bases sólidas. No entanto, muitos desconhecem a história da geração de crianças e adolescentes que tiveram roubadas de suas vidas o convívio familiar, por conta dos seus progenitores serem militantes e perseguidos políticos, que de uma hora para outra tiveram que viver clandestinamente e sumir de suas casas. Jovens que desde muito cedo presenciaram a existência de “uma relação e um conflito entre o regime instalado em 1964 e a manifestação mais crua da essência repressiva que o Estado assumiu na sua obsessão desmobilizadora da sociedade: a tortura” (GASPARI, 2002, p.133). Mesmo com a democracia estabelecida, é preciso fortalecê-la constantemente, haja vista sua juventude, resgatando as memórias e verdades do período da ditadura militar.

A construção da Democracia Brasileira é um processo permanente e vivo, que precisa ser continuamente semeado. Para que as liberdades duramente conquistadas sejam apropriadas por toda a população. O conhecimento sobre o passado é capaz de iluminar o presente e abrir caminho para um futuro em que os direitos sejam respeitados e os deveres cumpridos por todos. O olhar daquelas crianças aponta na direção do fortalecimento do Estado de Direito Democrático e da construção de uma cultura de total respeito aos Direitos Humanos (INFÂNCIA..., 2014, p. 09).

Os relatos dos filhos dos mortos, torturados, clandestinos e perseguidos pela ditadura militar são importantes ferramentas de resgate da história brasileira, pois são a maneira que temos de entender melhor o que a violência pode causar não só na vida de quem a sofreu, mas também de pessoas a sua volta, e assim lutar para que o princípio máximo tutelado por nossa Carta Maior, o direito à vida, seja garantido.

A memória do período da ditadura militar é resultado de um embate entre diversos grupos, que acabou permeando episódios de subordinações e violências que

refletem em algumas vidas até os dias atuais. Essa contenda ainda é recente, pois seus processos de investigação não se deram por completo - como é o caso da instauração da Comissão da Verdade em 2014. Trata-se, portanto, de um processo não concluído, onde as vozes e testemunhos servem como depoimento para, não apenas lembrar a história, mas sim apurar os abusos cometidos contra os direitos humanos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para o desenvolvimento de um vídeo jornalístico sobre os filhos dos mortos, torturados, clandestinos e perseguidos pela ditadura militar foi necessário a fundamentação e o embasamento teórico, não só dos 21 anos de regime militar no Brasil, mas também das implicações psicológicas que as perseguições políticas causaram nessas crianças, inicialmente contextualizando a situação política da época e os seus desdobramentos atuais.

Ao tratar do aspecto geral, elegemos quatro livros do jornalista Elio Gaspari: *Ditadura Envergonhada*, *Ditadura Escancarada*, *Ditadura Derrotada* e *Ditadura Encurralada*. Para evitar que o projeto se estabelecesse como uma visão unilateral, outros autores ajudam a reconstruir a história, como Marcos Napolitano, em seu livro *1964: História do Regime Militar Brasileiro* que se insere dentro da vertente que reconstrói de forma ampla o panorama da época com viés da disciplina de história e não política.

O livro *Infância Roubada* (2014), criado pela Comissão da Verdade “Rubens Paiva”, da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, reúne quarenta e quatro depoimentos daqueles que de algum modo foram envolvidos, direta ou indiretamente, com a prática da tortura. Essa obra traz os elementos necessários para a construção da narrativa dos herdeiros da ditadura, através do conhecimento de diversas histórias e do contato com os traumas de viver na clandestinidade, de fugir do país e até da dor de presenciar a tortura ou a morte de seus pais.

No artigo *Construções de memórias da Ditadura Militar brasileira: entre o trauma e o esquecimento*, de Walkiria Oliveira Silva, as relações entre trauma, memória e esquecimento e os anos de regime ditatorial no Brasil, são discutidas. Neste artigo, a autora explora a dimensão do trauma e a importância da elaboração de traumas sociais, tornando as experiências e vivências traumáticas – que muitas vezes são colocadas para debaixo do tapete – algo público.

Após a fase de pesquisas e levantamentos e o estudo dos materiais teóricos da bibliografia básica e específica, foi de fundamental importância a realização de entrevistas

com fontes que contextualizaram a história da ditadura militar, os traumas vividos e o reflexo atual da violência na vida dessas crianças que cresceram com sérios abalos psicológicos. Além dos filhos dos opositores da ditadura militar, foram entrevistados alguns militantes que ainda estão vivos, historiadores, psicólogos e políticos. Seguindo das entrevistas, foram realizadas as decupagens e, posteriormente, a construção do roteiro e edição do vídeo jornalístico.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O vídeo jornalístico **Filhos da Ditadura** foi elaborado, construído e finalizado em um processo que teve a duração de aproximadamente dois meses. Nesse período, 14 pessoas foram entrevistadas, totalizando 95 páginas de depoimentos, mais de nove horas de gravações e 38 horas na ilha de edição. A versão final de **Filhos da Ditadura** tem duração de 30 minutos e 02 segundos.

O processo de construção do vídeo jornalístico se deu a partir da definição do tema e da importância de se falar sobre essas histórias, tanto pela relevância histórica dos depoimentos quanto pelo momento em que passamos no país, com pessoas indo às ruas pedindo por intervenção militar. A partir da escolha do tema e da leitura de materiais bibliográficos, foi iniciada a localização de possíveis entrevistados. Após os contatos com as fontes e a confirmação do interesse em conceder as entrevistas, visto que conversar sobre esse tema e sobre os traumas sofridos não é uma tarefa fácil, foi iniciada uma pesquisa específica das histórias dos personagens que iriam compor o vídeo jornalístico.

As fontes são:

Adilson Lucena – filho do militante de esquerda Antônio Raymundo de Lucena, Adilson estava em casa e viu o momento em que seu pai foi morto por agentes da Polícia Política. Foi exilado para Cuba junto com a mãe, Damaris Lucena, e as irmãs Denise e Ângela Telma.

Ernesto Nascimento – filho de Manoel Dias do Nascimento e Jovelina do Nascimento, Ernesto tinha dois anos quando foi detido junto com os pais, e é considerado o mais novo preso político do regime militar.

Milton Bellintani Filho – filho de Milton Bellintani, integrante do PCB que foi torturado durante a ditadura militar.

Ñasaindy Barret – filha de Soledad Barret Viedma e José Maria de Araújo, Ñasaindy nasceu em Cuba e com menos de dois anos foi deixada pelos pais, que voltaram ao Brasil, aos cuidados de Damaris Lucena. Seus pais foram mortos pelo regime militar.

Sandra Sabença – filha de Alcides Sabença, deputado pelo PCB na Assembleia Constituinte de 1946 e torturado pela ditadura militar. Sandra tem problemas físicos e psicológicos relacionados ao trauma de ter um pai perseguido político.

Virgílio Gomes Filho – filho de Virgílio Gomes, um dos líderes da ALN e morto pelo regime militar. Virgílio foi preso, aos seis anos de idade, com seus dois irmãos, Vladimir e Isabel, e com a mãe, Ilda, e depois foi exilado para Cuba.

Maria Amélia Teles – ex-militante do Partido Comunista do Brasil (PC do B). Foi presa junto com o marido, César Teles, e levada para o DOI-CODI em São Paulo. No dia seguinte, seus filhos Edson e Janaina, que tinham quatro e cinco anos respectivamente, foram detidos junto com a tia Criméia Almeida.

Criméia Almeida – ex-militante do PC do B e integrante da Guerrilha do Araguaia, Criméia foi presa junto com os sobrinhos, Edson e Janaina, quando estava grávida de sete meses.

Maria Aparecida de Aquino – historiadora e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). É especialista em temas como o regime militar e a crise política no Brasil.

Maurice Politi – diretor do Núcleo de Preservação da Memória Política, que promove políticas públicas com relação a direitos humanos e memória política.

Roseli Coelho – doutora em Filosofia Política pela Universidade São Paulo (USP). É especialista em temas como representação política, democracia e políticas públicas.

Adriano Diogo – presidente da Comissão da Verdade “Rubens Paiva”, da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

Paula Salvia – psicóloga e psicanalista, trabalha em uma Clínica do Testemunho, grupo de auxílio às vítimas da ditadura militar, em São Paulo.

A abertura do vídeo jornalístico **Filhos da Ditadura** tem como objetivo despertar o interesse do público ao colocar fotos dos entrevistados quando eram crianças, juntamente a trechos marcantes de seus depoimentos. Após a vinheta de abertura, o vídeo é dividido em três blocos. No primeiro bloco, alguns entrevistados explicam o que foi a ditadura e como a tortura foi usada como principal meio de repressão a militantes.

No segundo bloco, filhos e ex-militantes contam sobre a história de suas famílias e como se deu a perseguição durante o regime militar. Fotos antigas e caixas de texto foram usadas para melhor exemplificação e fidelidade à história narrada. Além disso, o segundo bloco também comporta os depoimentos sobre os traumas gerados pela violência nessas crianças – hoje já adultos, e a explicação psicológica para isso.

O terceiro e último bloco do vídeo jornalístico **Filhos da Ditadura** tem um objetivo bastante específico: deixar claro que os horrores cometidos durante a ditadura militar não foram esquecidos por suas vítimas. Essas histórias devem ser conhecidas e debatidas pelos brasileiros em geral para que nunca, em tempo algum, possam ser toleradas novamente em um país democrático.

6 CONSIDERAÇÕES

Produzir o vídeo jornalístico **Filhos da Ditadura** não trouxe somente crescimento profissional para os autores do projeto. Cada depoimento ouvido durante esse processo suscitou um aprendizado pessoal e um conhecimento aprofundado sobre uma parte obscura da história do Brasil, não tão conhecida por seus cidadãos.

As histórias sobre as perseguições do Estado, os detalhes dos procedimentos de tortura e os testemunhos sobre os traumas que foram gerados nos filhos de militantes políticos – que não tinham responsabilidade alguma sobre as decisões de seus pais e mesmo assim sofreram com a bruta repressão causada pela ditadura militar – ocasionou uma transformação na forma de enxergar a importância da democracia e do respeito aos direitos humanos, em todos os integrantes da equipe de produção do audiovisual.

Além da oportunidade de colocar em prática os aprendizados de quase quatro anos de curso e de grande parte das técnicas jornalísticas estudadas durante a faculdade, foi possível dar espaço para esses filhos contarem suas histórias, as histórias de seus familiares e de todo o mal que lhes foi causado, já que grande parte dessas memórias não tem espaço e não são relatadas pela grande mídia em geral.

Filhos da Ditadura é um vídeo jornalístico de cunho social. Histórias como as contadas nele precisam ser conhecidas, para que o terror que durou 21 anos não volte a assombrar os brasileiros. É de entendimento de todos os envolvidos nesse projeto que esse produto audiovisual contribui para a formação crítica de seus espectadores e para a reflexão sobre direitos humanos e democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a partir de 1964. Comissão responsável Maria do Amparo Almeida Araújo. Recife, 1995. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/dados/dossiers/dh/br/dossie64/br/dossmdp.pdf>>. Último acesso em: 24 de março de 2015.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Derrotada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Encurralada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

INFÂNCIA Roubada, Crianças atingidas pela Ditadura Militar no Brasil. Assembleia Legislativa, Comissão da Verdade do Estado de São Paulo. São Paulo: ALESP, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2014.

SILVA, Walkiria Oliveira. **Construções de memórias da Ditadura Militar brasileira: entre o trauma e o esquecimento.** Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.23, n.2, 2010.

TRUJILLO, Alfonso López. **Lexicon Pontifício Conselho para a Família.** São Paulo: Gráfica das Escolas Profissionais Salesianos, 2004.